Cada vez mais próximo do big brother, cada vez mais longe do big bang

Gilcênio vieira Souza, 11/02/2004

Acredita-se que vivemos na era das comunicações. Mas em que medida as informações que chegam à maioria das pessoas são realmente essenciais? A produção do supérfluo nos impede de romper com as cadeias da alienação e aceitar assim a validade eterna do capitalismo.

No filme "Bye bye Brasil", de Cacá Diegues, um grupo de saltimbancos, a "caravana holiday", viaja pelo Brasil apresentando números circenses. Numa das pequenas cidades em que chegam, encontram a população no meio da rua, em frente a um aparelho de tv, assistindo a novela "Dancing days". Naquele momento, sob a influência da cultura norte-americana, predomina em todo o país a onda da "discoteque". Os artistas mambembes sentem-se patéticos e impotentes, incapazes de desfazer o transe hipnótico que toma conta da multidão.

De lá (início da década de 80) para cá, o ato de se colocar em frente à televisão e integrar suas ficciones à vida real, pessoal e familiar de cada um intensificou-se bastante, passando a se constituir um paradigma para muitos campos da ciência. Outro fenômeno da comunicação instantânea, a Internet, torna-se também cada vez mais uma realidade onipresente. Sabe-se, no entanto, que a quantidade de informações que a rede mundial coloca à nossa disposição excede a nossa humana capacidade de processamento. Além do mais - principalmente no Brasil - o semianalfabetismo e as limitações críticas impedem a maioria dos usuários de se transformarem em senhores das informações que processam, sendo meros consumidores passivos de dados previamente filtrados por concepções de respeito ao status quo. Isto, claro, diz respeito à maioria dos sistemas de mídia e não apenas a Internet (a Internet, aliás, tem sido o campo mais propício para o desenvolvimento de uma contra-ideologia).

Nesse atual estado de coisas, cria-se a ilusão de que tudo parece correr à velocidade da luz e de que o mercado é a instância máxima que deve definir nossos atos. Não se diz, porém, que o mercado não passa de uma abstração, se desprezarmos as forças sociais e políticas que o controlam. Há cerca de 1 trilhão e meio de dólares viajando de um canto a outro do planeta a um simples clicar de mouse, transformando "mercados emergentes" em pântanos capitalistas. Mas, nas mãos de quem está o controle dessas transações planetárias? Nas mãos de um punhado de magnatas e oligopólios.

Há um ruído intermitente no meio do caminho. Ruído que viola nossos ouvidos. Em 1965, dois pesquisadores, Penzias e Wilson, conseguiram detectar a radiação de fundo que estaria na origem do universo, a luz do big bang. Hoje, devido ao ruído excessivo de sinais provenientes de estações de rádio e tv, satélites e outras parafernálias tecnológicas, os cientistas encontram muitas dificuldades para continuar detectando o suspiro inicial do universo. E, da mesma forma que os ruídos tecnológicos são um empecilho para detectar o grito primeiro do cosmo, os ruídos ideológicos são um obstáculo para que compreendamos o microcosmo de que somos constituídos, bem como a alma dessa era das comunicações recém-batizada de globalização. Esse ruído que interfere em nossa apreensão do real não é mero acaso, mas produto dessa ideologia vigente, do fugaz, da neurose organizacional, da ansiedade generalizada, da "eficiência" capitalista: em síntese, a lógica do capitalismo é e de nos fazer crer que os chapéus são mais importantes que as cabeças.

No livro 1984, George Orwel imaginou um mundo futurista dominado por um ditador, simplesmente denominado "Grande Irmão" (big brother). Nesse pesadelo fictício, os cidadãos não desfrutavam de qualquer privacidade, pois eram vigiados 24 horas por dia pelo olho do Grande Irmão. Assim, sob eterna vigilância, ninguém ousava revelar descontentamento com o regime de terror e anulação humana do Grande Irmão. Nos dias atuais, muitos saudam o "valor universal da democracia". Porém, a democracia para a qual fazem festa, utiliza-se dos canais de que dispõe para consolidar pensamentos consensuais e uniformes. O que não a impede, também, de usar dos mecanismos legais de coação ou de forjar farsas supostamente legítimas para justificar a violência (como fizeram Bush e Blair para invadir o Iraque). Pensar diferente do que está globalmente instituído passa a ser visto como uma atividade suspeita. Logo, não há necessidade de um Grande Irmão a coagir os indivíduos para que glorifiquem os totens modernos, pois isso pode ser feito via satélite e por meios sutilíssimos. Nos Estados Unidos, por exemplo, governo e imprensa cometem o

absurdo de tentar ignorar a contribuição de um dos maiores pensadores da atualidade, Noam Chomsky, por ser um crítico veemente do imperialismo norte-americano.

Chaplin disse certa vez que "pensamos em demasia e sentimos bem pouco. A sensibilidade do cidadão do século XXI corre o risco de se extraviar nos "trâmites burocráticos" da vida contemporânea. A tecnopólis empresta ao homem uma fachada para que ele esconda a criança abandonada que está em seu interior. No entanto, não pensamos em demasia. As racionalizações que acreditamos genuínas são em sua maioria modelos construídos para as nossas necessidades mais "instantâneas". Quanto ao coração do homem, vive confuso sim, pelo excesso de ruídos que lhe chegam, e refém dos comportamentos mecânicos que o impedem de expressar sua voz sem falsetes. Cumpre-se tristemente o que Marx registrou nos seus manuscritos de juventude: "Em lugar de todos os sentidos físicos e espirituais apareceu assim a simples alienação de todos os sentidos, o sentido do ter".